



Racismo e Intolerância Religiosa

**Uma introdução às religiões afro-brasileiras e o
preconceito que sofrem no Brasil.**

**Por: Daniel Ribeiro Malta e Sidney Cordeiro
Turma C de Comunicação e Expressão
2022**



Introdução

Para muitos brasileiros o preconceito é parte de suas vidas. Essas pessoas escondem quem são, o que fazem e fingem não fazer parte de suas comunidades. Têm medo de perderem o emprego, de serem excluídas e de sofrerem violência, apenas por falarem da sua religião. Mesmo os que pertencem às religiões maiores e mais comuns, também podem passar por isso, principalmente pela sua pele.

Essas duas situações parecem diferentes, o preconceito contra religiões e contra pessoas. Mas, elas andam juntas.

A principal forma de enfrentar essas discriminações é com a educação.

Essa E-Zine fala sobre religiões afro-brasileiras, sua história, seu objetivo e sobre o racismo religioso que sofrem.

Nossa pesquisa foi feita com a leitura de artigos acadêmicos, pesquisa em sites e dados sociodemográficos.

O objetivo dessa E-Zine é introduzir você às religiões afro e ajudar no combate à intolerância e ao racismo.



Enquanto cristãos louvam São Lázaro e São Roque, membros do candomblé homenageam Omolu, todos juntos em festa na Bahia

As Religiões

As religiões afro-brasileiras surgiram quando os escravos foram trazidos ao Brasil. Elas nasceram com o sincretismo religioso e pela vontade de recuperar aquilo que foi tomado desses povos, através da formação de comunidades que queriam preservar sua identidade cultural e se ajudar.

A ideia de comunidade e a prática de caridade são muito importantes nas religiões afro-brasileiras, sendo a principal função do terreiro ajudar as pessoas, até as que não são da casa.

As entidades que os médiuns incorporam estão lá para dar conselhos, diminuir dores, fazer limpezas energéticas e coisas assim.

As mais conhecidas são a Umbanda e o Candomblé, existindo a Umbanda Cruzada, Umbanda Almas e Angola, Candomblé Keto, Candomblé Xangô e até o Umbandomblé, dentre outras, cada uma única.

É importante entender que é normal que cada casa, cada terreiro, possa ter regras ou práticas que, na teoria, não fazem parte daquela religião ou vertente.

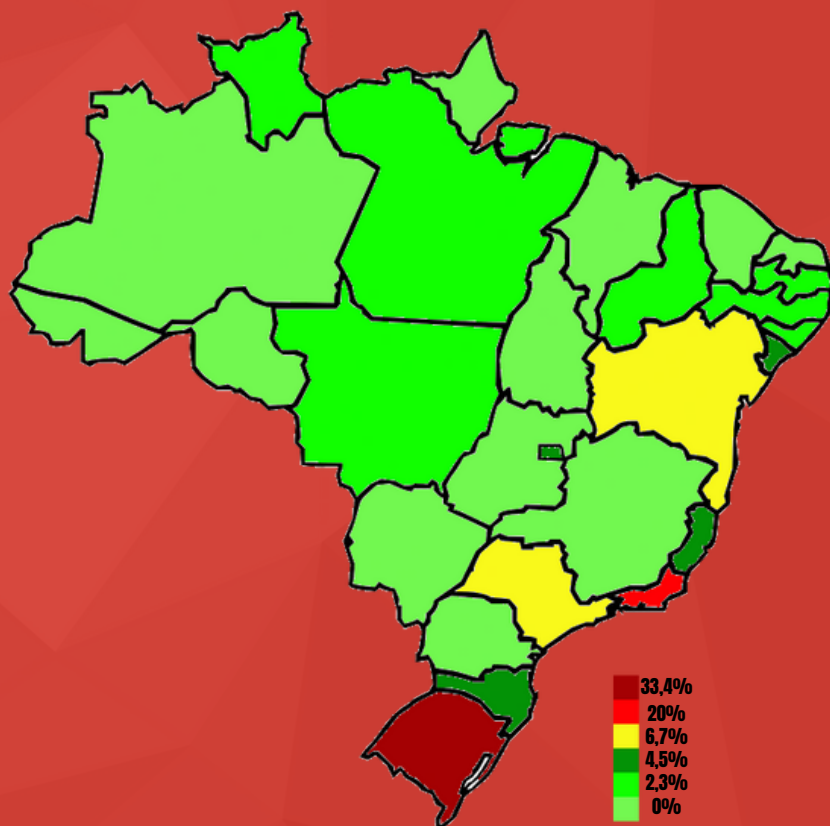
Outros ritos que costumam ser menos mencionados, mas tem forte influência africana são o Omoloko, os ritos de Santo Daime, casas de Jurema e mais. Alguns ritos e casas vão ter mais influência cristã, espírita ou até de religiões asiáticas, mas todos, em algum nível, conversam com a tradição africana.

Onde estão

Existem terreiros por todo o Brasil, você provavelmente já passou por vários e não percebeu. É comum eles se esconderem entre os prédios ou em zonas rurais. Assim como os praticantes se escondem para não sofrer violência, as casas se escondem para não serem destruídas.

Batidas policiais, sem motivo, e ataques de intolerantes são comuns, muitas vezes ferindo ou até matando as pessoas.

O gráfico ao lado mostra quantos do total de membros dos cultos afro estão em cada estado. Mas ele não chega perto da verdade, já que, os terreiros e a religião englobam muito mais pessoas que apenas os filhos e pais de santo.



Fonte: IBGE, senso do ano 2010

Os Praticantes

Historicamente os praticantes são pessoas negras, de baixa renda e baixa escolaridade. Isso acontece pelas origens desses cultos dentro das comunidades de escravos, mas isso mudou. Como as práticas de terreiro envolvem a prestação de serviços à comunidade, a maioria das pessoas que frequentam os terreiros não são os filhos de santo, mas sim pessoas procurando ajuda, com terreiros que já registraram mais de 11.000 atendimentos em um único ano, tornando o número de frequentadores muito maior que as estimativas dos institutos de pesquisa.

O caráter social atrai muitos jovens. Segundo o DataFolha, 32% dos praticantes tem entre 16 e 24 anos. Conforme os últimos dados do IBGE, 47% dos adeptos são brancos e 13% do total de fiéis tem nível superior completo. Tudo isso demonstra como o perfil dos praticantes tem mudado e se tornado mais inclusivo. Conforme essas religiões crescem, os participantes se tornam mais diversos.

A Religião na Vida

Todos que praticam uma religião sabem como isso pode mudar o dia a dia.

Muitas vezes de pequenas formas que talvez a pessoa nem note no momento.

Para muitos a religião é o que ajuda nos momentos difíceis, enquanto torna mágica a vida diária. É tanto um local que acolhe e protege, quanto uma forma de organizar a rotina.

Dentro das religiões afro-brasileiras, o desenvolvimento da mediunidade e o contato com as entidades pode ser muito ativo na vida diária, mudando completamente como uma pessoa vê e reage ao mundo.

É muito comum para filhos e pais de santo planejarem se organizarem pensando nas suas obrigações e funções dentro de seu terreiro.

As roupas são outro aspecto muito importante na vida dessas pessoas. Guias de proteção, panos para cobrir sua cabeça, roupas usadas apenas em dias da semana específicos, dentre outros.

As Entidades

Uma parte importante e mal compreendida dos cultos afro-brasileiros são as entidades. Existem diversos tipos de entidades, cada uma com seus pontos fortes e fracos, além de entidades diferentes do mesmo tipo, por exemplo, Preto Velho, Caboclo, Pomba Gira, Exú e Erê são tipos comuns de entidade.

A partir disso, você tem o Exú Tranca Rua, a Maria Padilha, uma Pomba Gira, dentre outros.

Os tipos de entidade são como cargos que os espíritos de pessoas falecidas podem ocupar para ajudar os vivos.

Eles são ocupados por espíritos que, em vida, passaram pelas experiências necessárias para cumprir esse papel.



Pomba Gira - Via @pontosilustrados no Instagram

Preconceito Religioso

Preconceito é como entendemos algo antes de estudarmos ou experimentarmos, como olhar uma comida e dizer que não gosta mesmo sem ter comido.

Preconceito religioso é julgar as crenças dos outros sem pesquisar e tentar entender. É falar como se conhecesse a religião do outro, sem ter participado.

Todos temos preconceitos, é natural.

O problema surge quando o preconceito se torna intolerância. Quando alguém se recusa a aprender e tenta destruir ou machucar, sem entender o que é aquilo.

Uma forma comum é a demonização. As religiões afro-brasileiras são vítimas recorrentes disso. Os médiuns são chamados de possuídos e as entidades são consideradas demônios.

O orixá Exú e as entidades chamadas Exú, são alvos regulares. Eles costumam ser comparadas ao Diabo e tratadas como malignos. Mas sua função é de abridor de caminhos, permitir a entrada das coisas boas e saída das más.

Os intolerantes inventam essa fantasia de Exú como o Diabo, atacam pessoas inocentes e queimam terreiros, tudo isso enquanto dizem que Jesus, um pacifista, é seu protetor.

Racismo Religioso

O termo racismo religioso é usado para falar da intolerância contra as religiões que nasceram entre povos negros e vieram ao Brasil pelos escravos, devido sua ligação íntima com o racismo.

As crenças dos povos escravizados, sua cultura e sua identidade, eram atacadas a todo momento pelos padres e colonizadores. Mas essas pessoas, esses povos e essas culturas lutaram e se adaptaram para sobreviver no Novo Mundo.

Apesar disso, o racismo religioso também sobreviveu e se adaptou, se tornando parte estrutural do preconceito. Um exemplo é o discurso sobre o “peso” das religiões de terreiro.

Não um peso físico, mas uma "energia negativa", que cansa e machuca. Essa é uma forma de racismo religioso.

Não existe motivo para esses rituais serem considerados “carregados” enquanto a missa católica e as sessões espíritas não.

Qualquer pessoa que participou de uma gira, o evento religioso onde ocorrem as homenagens aos Orixás e a incorporação das entidades, sabe que é apenas uma grande festa, a "energia" é de comemoração.

Essa ideia do "peso" vêm do preconceito histórico, que considera as crenças de origem africana como ligadas ao Diabo, assim como seus participantes.

Embranquecimento

Outra expressão do racismo através da religião é o embranquecimento dos cultos afro, em especial da umbanda, que tenta se assemelhar ao espiritismo para sofrer menos violência.

As figuras sagradas dessas religiões são trocadas por uma imagem branca, Preto Velho branco, Exú branco e Orixás brancos. Isso é apagamento cultural, para facilitar aceitação de um público branco e racista.



Exú - Via @pontosilustrados no Instagram



Exú Sete Encruzilhadas branco, loiro de olhos verdes

Importância da Escola

"Nas escolas onde estudei, todos os alunos, (...) eram obrigados a participar das aulas de religião, ou melhor, das aulas de catolicismo, já que o conteúdo era todo ele voltado para os dogmas católicos. (...) Quase nunca ouvia falar positivamente sobre as religiões praticadas no continente africano, exceto para ser usadas como exemplos pejorativos, ressaltando a satanização de suas concepções religiosas. (...) As associações feitas eram sempre negativas; (...). Já os fatores positivos, julgados pela hegemonia branca, eram tratados como não pertencentes ao continente africano, como, por exemplo, a cultura egípcia."

(CONCEIÇÃO, 2016, P. 115)

Esse tipo de coisa é comum. Muitas instituições de ensino são ligadas ao cristianismo de alguma forma e usam seu espaço para promover sua crença. Isso cria esteriótipos e preconceitos que são nocivos e propagados pelo sistema que prometeu ensinar a verdade.

O ensino escolar é uma forma de nivelar conhecimento, mas somente até o ponto que as pessoas no poder permitem, é uma ferramenta tão boa apenas quanto aqueles que a controlam.

Quando a escola permite que seus alunos descubram o mundo além do que conhecem, ela permite que os alunos se aproximem de um mundo mais empático, já que, eles vão conseguir entender melhor uns aos outros, sua ancestralidade e sua cultura.

LEI 10.639/2003

A lei 10.639/2003 torna obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira nas escolas do país. Essa é uma das tentativas de permitir que o povo brasileiro aprenda mais sobre uma de suas ancestralidades.

Apesar disso, a discussão sobre o continente africano, seus povos e a importância deles na construção no Brasil, continua não sendo promovida dentro das escolas.

Isso impede a identificação dos jovens com sua herança negra. É uma forma de opressão contra a identidade e a ancestralidade do povo brasileiro.

O principal alvo são as religiões, uma parte fundamental da cultura e da história desses povos no Brasil.

Mas se é lei, por que é tão difícil ver isso, na prática?

"A maioria dos professores era categórica ao afirmar que poderia trabalhar tudo, menos a religião. Ao indagar os motivos, quase todos diziam que não gostavam da religião dos orixás e encerravam a discussão"

(CONCEIÇÃO, 2016, P. 122)

O problema é, mais uma vez, racismo estrutural. É a intolerância contra aquilo que não se entende.

Por isso a consciência dessa lei e o cumprimento dela são tão importantes.

Para que as futuras gerações possam aprender tudo aquilo que tentaram esconder delas e poder escolher quem são e no que acreditam.

O Que Você Pode Fazer

Se você leu, sentiu vontade de fazer algo para ajudar e está disposto a começar, é bem simples. A resposta já foi apresentada:

Educação.

O preconceito existe quando a pessoa não conhece o assunto, então, pesquise sobre, se eduque e tente educar outros.

Mas não apenas com sites e E-Zines, converse com as pessoas.

Procure um terreiro ou uma comunidade e peça para aprender.

Pode ser difícil e assustador sair da sua zona de conforto, mas você só vai ganhar com a experiência.

Caso você não queira participar de forma tão ativa, seja por desconforto ou pelas pessoas ao seu redor, você ainda pode ajudar e fazer a diferença.

Só a vontade e a ação de pesquisar já torna esse tema mais acessível e aprender é sempre engrandecedor.

Incentive outras pessoas ao seu redor a estudarem também e entenderem melhor as crenças dos outros.

Isso vai expandir seu mundo e esse ato já é grande ajuda.

Referências

LUPPI, Syria. Número de participantes de cultos afro são subestimados no Brasil. Caminhos de Fé, 2014. Disponível em: <https://www.folhavoria.com.br/geral/bl ogs/caminhos-de-fe/2014/11/30/religioes-afro-tem-numeros-subestimados-no-brasil/>. Acesso em: 24 jul. 2022.

DA SILVA, Lucilia Carvalho; SOARES, Katia Dos Reis Amorim. TRABA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA FACE ÀS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA COMO EXPRESSÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS BRASILEIRAS: O TERRENO DO COMBATE À INTOLERANCIA NO MUNICÍPIO DE DUQUE DE CAXIASALHOS DE AXÉ. Duque de Caxias: Faculdade de Duque de Caxias, 2015. v. 1.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

DAMASCENO, Edilana. TRABALHOS DE AXÉ: Maioria no candomblé, jovens lidam com preconceito no trabalho e usam saber milenar em suas profissões. UOL, 2021. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/maioria-no-candomble-jovens-lidam-com-preconceito-no-trabalho-e-usam-saber-milenar-em-suas-profissoes/#page2>

Acesso em: 24 ago. 2022.

CONCEIÇÃO, Joanice Santos . QUANDO O ASSUNTO É SOBRE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA: LEI 10.639/2003. Salvador: Revista da FAEBA, 2016. 113-126 p. v. 25.

MACEDO, Emiliano Unzer . Religiosidade popular brasileira colonial: um retrato sincrético. Vitória: Revista Ágora, 2008. 1-20 p. v. 7.

**Exú Ionan,
Modilê lodê e legbara,
Lebara mirê Exu tala kewa ô,**

**Exú do caminho,
eu brinco do alto da montanha para o
senhor da força
Esu eu estou feliz Eshu
Eshu do caminho nós o
cumprimentamos.**